

# A PRIMEIRA GERAÇÃO DE TRAVESTIS NO BRASIL: DESVIOS E (RE)INVENÇÕES DAS SEXUALIDADES E DO GÊNERO NA DÉCADA DE 1960

## THE EMERGENCE OF THE FIRST GENERATION OF *TRAVESTIS* IN BRAZIL: DEVIATIONS AND (RE)INVENTIONS OF SEXUALITIES AND GENDER IN THE 1960'S

**Fábio Henrique Lopes<sup>1</sup>**

Endereço Profissional: Departamento de História – UFRRJ, Rod. BR 465, Km 07,  
Cep. 23897-000  
Seropédica – RJ, Brasil  
Email: [lopesfh30@uol.com.br](mailto:lopesfh30@uol.com.br)

**Marina Silva Duarte<sup>2</sup>**

Endereço Profissional: Laboratoire d'étude de genre et de sexualité (LEGS)  
14 Cr des Humanités, 9  
3300  
Aubervilliers, França  
Email: [marina.silva.duartee@gmail.com](mailto:marina.silva.duartee@gmail.com)

**Resumo:** Com este artigo destacamos a emergência da primeira geração das travestis brasileiras, na década de 1960. Nosso objetivo é investigar as condições de possibilidades materiais e simbólicas que permitiram a construção/emergência dessa histórica subjetividade. Para historicizar esse fenômeno, focalizamos narrativas e histórias, aqui entendidas como experiências sociais. Iluminamos três percursos individuais para identificar pontos de desvios no percurso da história das sexualidades e de gênero no Brasil, evidenciando mudanças nas invenções de si e nos processos de autodefinição.

**Palavras-chave:** Travestilidade; Subjetividade; Brasil.

**Abstract:** With this article we will outline the emergence of the first generation of Brazilian transvestites, in the 1960s. Our goal is to investigate the conditions of material and symbolic possibilities that allowed the construction/emergence of this historical subjectivity. We illuminate three individual trajectories of characters from this first generation of transvestites to identify points of deviation in the course of the history of sexualities and gender in Brazil, highlighting changes in social relations and in the processes of self-definition.

**Keywords:** Travestility; Subjectivity; Brazil.

---

<sup>1</sup> Professor Associado do Departamento de História da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ. Coordenador do LabQueer – Laboratório de estudos das relações de gênero, masculinidades e transgêneros/UFRRJ. Pesquisador do Cerilac – Centre d'Études et de Recherches Interdisciplinaires de l'UFR Lettres, Arts et Cinéma d'Université de Paris e do CNPq.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda pela Université Paris 8 no Laboratoire d'étude de genre et de sexualité (LEGS). Doutora em História pela Université Sorbonne Paris Cité. Doutora em cotutela em Ciências Sociais pela UNESP. Pesquisadora do LabQueer – Laboratório de estudos das relações de gênero, masculinidades e Transgêneros/UFRRJ.

## 1. Apresentação

Nosso objetivo é historicizar e dar visibilidade às condições de possibilidade, experiências e subjetividades de algumas pessoas que, nas duas principais cidades do Brasil, São Paulo e principalmente no Rio de Janeiro, na década de 1960, investiram em processos subjetivos, em mudanças corporais, em novas imagens de si, e que foram (auto)nomeadas e interpeladas de travestis. Elas são definidas como de uma primeira geração pois, com coragem e criatividade, entregaram-se à desterritorialização de si<sup>3</sup>. Sem contar com o saber, as orientações, as dicas, a proteção e os cuidados das mais experientes, as chamadas “mães” ou “madrinhas”, tão recorrentes e importantes na vida de mulheres trans das gerações seguintes<sup>4</sup>, ousaram deixar a condição de estar em travesti e passar, a partir da década de 1960, a viver como travestis.

O grupo estudado neste artigo compõe uma primeira geração não necessariamente por se tratar de pessoas de uma mesma faixa etária ou grupo de idade, apesar de a maior parte delas ter nascido na década de 1940. Segundo François Sirinelli, a questão essencial para o/a historiador/a é menos a de identificar diferentes faixas etárias do que saber como se forma uma geração. A partir dessa perspectiva, torna-se possível perguntar: como as pessoas tomam consciência ou não de pertencer a uma geração? Como as diferentes gerações se relacionam umas com as outras? Até que ponto uma geração é construída em retrospectiva?<sup>5</sup> Para as reflexões deste artigo, nós nos apropriamos dessas indagações e da categoria geração<sup>6</sup> para explorar as histórias dessas travestis, focalizando o momento crucial da emergência desse grupo. Potencializada pelas historicidades das subjetividades, das relações de si para consigo e das narrativas de si, a categoria analítica *geração* permite periodizar a vida a partir das históricas formas de sociabilidade, de organização social, das redes de amizade e de afeto, das territorialidades e da produção de subjetividades. Assim, as

---

<sup>3</sup> LOPES, Fábio Henrique. Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960. *Revista TransVersos*. n. 14, p. 52-69, set. dez., 2018, p.59; LOPES, Fábio Henrique; SOUZA, Paulo Vitor Guedes. Suzy Parker e Yeda Brown. Amizade, modos de existência e invenções de si. In: GOMES, Aguinaldo Rodrigues; LION, Antonio Ricardo Calori de (org.). *Corpos em trânsito*. Existências, subjetividades e representatividades. Salvador: Editora Devires, 2020, p. 205-227.

<sup>4</sup> Para verticalizar a importância, o papel, as relações de poder e as hierarquias entre jovens travestis com as mães, madrinhas e cafetinas, ver: PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

<sup>5</sup> SIRINELLI Jean-François, Generation. In. GAUVARD, Claude et SIRINELLI, Jean-François, *Dictionnaire de l'historien*, (Orgs.), Paris, PUF, 2015, p. 786.

<sup>6</sup> DEBERT, Guíta Grin. *A reinvenção da velhice. Socialização e processos de Reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012; MACHADO, Maria das Dores Campos; BARROS, Myriam Lins de. Gênero, geração e classe: uma discussão sobre as mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(2): 369-393, maio-agosto/2009.

integrantes da chamada “primeira geração” investem, buscam e experimentam um conjunto de mudanças e intervenções corporais e subjetivas *já na década de 1960*, forjando outras possibilidades de subjetivação.

No momento da escrita deste artigo, final do ano de 2020, podemos afirmar que há no Brasil uma considerável bibliografia sobre as travestilidades. Os primeiros trabalhos das ciências humanas dedicados a esse tema são oriundos da antropologia e datam do início da década de 1990, como as pesquisas de Hélio Silva e Neuza Maria de Oliveira<sup>7</sup>. As pesquisas da segunda metade dos anos 90, balizadas pelos estudos de gênero, proporcionam uma análise mais matizada e elaborada desse fenômeno. Entre os pioneiros podemos citar o estudo realizado em Salvador por Don Kulick, *Travesti Sex, gender, and culture among brazilian transgendered prostitutes*. Já nos anos 2000 há um aumento vertiginoso de trabalhos sobre esse tema em razão do desenvolvimento dos estudos de gênero e das sexualidades nas universidades brasileiras. A partir dessas referências iniciais, uma série de reflexões acadêmicas foram publicadas, como as de Marco Benedetti, Berenice Bento, Alexandre Vale, Larissa Pelúcio e Tiago Duque<sup>8</sup>. Essas análises, realizadas em diferentes cidades brasileiras, contribuíram para o deslocamento das travestilidades dos saberes psi e médicos para as análises etnográficas, que preconizavam uma perspectiva chamada “de perto e por dentro”<sup>9</sup>. Dessa maneira, os estudos antropológicos e sociológicos nos forneceram uma visão mais apurada das relações do corpo, do gênero, do estigma, das agências, das estratégias de sobrevivência e da abjeção do grupo social das travestis<sup>10</sup>.

A história, por sua vez, como disciplina, tem a particularidade de analisar esse fenômeno em sua especificidade temporal, ou seja, em sua diacronia. Entretanto, o interesse dos/as historiadores/as pelo tema é posterior. De fato, ele permanece esquecido até o final do século 20. Podemos nos perguntar se o tema não era suficientemente “sério” aos olhos dos/as historiadores/as – que o consideravam exótico demais – e, portanto, deveria se

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA Neuza Maria de. *Dama de Paus o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*, Salvador: Centro Editorial e Didático, 1994; SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

<sup>8</sup> KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009; BENEDETTI, Marco. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005; BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006; VALE Alexandre Fleming. *O vôo da beleza: travestilidade e devir minoritário*, (Tese em sociologia) - Universidade Federal do Ceará, 2005; PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. *Op.cit.*; DUQUE Tiago, *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*, São Paulo: Annablume, 2011.

<sup>9</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, Junho, 2002.

<sup>10</sup> A maioria das/os autoras/es que se debruçaram em pesquisas sobre as travestilidades e pessoas trans são cisgeneras/os, a exemplo da autora e do autor deste artigo. Atualmente, o monopólio de autoras/es cis tem sido quebrado pela importante atuação de pesquisadoras/os trans, na Universidade e na militância.

manter nos limites dos estudos etnográficos. Contudo, há algumas décadas, a história social e cultural renovou os horizontes historiográficos, possibilitando incorporar nos estudos históricos uma série de temas que anteriormente seriam impensáveis como objetos de estudo. Parece-nos, então, que a história não rejeitou os chamados sujeitos menos "nobres", pois a disciplina já tinha passado por essa "revolução epistemológica" ao dirigir-se para certas margens da sociedade. Uma possível resposta ao interesse tardio sobre as sexualidades dissidentes e sobre as histórias das travestilidades é o espectro da "*pensée straight*"<sup>11</sup>, pois o conhecimento histórico estava, e de uma certa forma ainda está preso nas teias da cisheterogeneridade.

Atualmente, a historiografia também é um saber que se atém às questões das dissidências de gênero e sexuais. Essa tomada de consciência está provavelmente ligada ao fato de que, em primeiro lugar, a história – mesmo que tenha como objeto o humano e o tempo – é orientada pelas questões do presente, nas quais as temáticas do gênero e da sexualidade estão cada vez mais destacadas; em segundo lugar, pela influência dos conhecimentos vizinhos, como as ciências sociais e a filosofia, que se dedicaram a estudar esse tema anteriormente. Algumas obras, hoje já clássicas, evidenciaram a perspectiva histórica: os trabalhos de Foucault, especialmente a partir de 1976<sup>12</sup>, a pesquisas da bióloga Anne Fausto-Sterling<sup>13</sup> e do historiador Thomas W. Laqueur<sup>14</sup> problematizaram os usos dos conceitos de gênero e de sexo nos discursos médicos, biológicos e sociais; a filosofia, em obras como as de Judith Butler<sup>15</sup> e de Paul Preciado<sup>16</sup>, apresentou novas ferramentas conceituais e analíticas para se pensar as relações de gênero nas sociedades contemporâneas. Esses são alguns trabalhos que influenciaram as/os historiadoras/es que se debruçariam sobre as questões das travestilidades.

Além das referências acima citadas, muitas outras merecem destaque. Dentre elas estão as inúmeras contribuições dos estudos feministas, da história das mulheres e da história das homossexualidades no Brasil que se cristalizaram como reconhecidos campos dos estudos historiográficos que precederam a história das travestilidades. Os diversos trabalhos de Margareth Rago e Joana Pedro, na articulação história das mulheres e do

---

<sup>11</sup> WITTIG Monique, *La pensée "straight"*, Paris : Balland, 2001.

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

<sup>13</sup> FAUSTO-STERLING, Anne. *Myths of gender: biological theories about women and men*. 2nd ed. New York: BasicBooks, 1992.

<sup>14</sup> LAQUEUR, Thomas W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>15</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

<sup>16</sup> PRECIADO, Paul B.; RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. 2.ed. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

gênero, além do de James Green na história das homossexualidades, são referências para uma geração de historiadoras/es que se debruçam especificamente sobre as travestilidades e sobre a memória das travestis brasileiras. Essas últimas são produções historiográficas mais recentes, posteriores a década de 2010, como os de Fábio Lopes<sup>17</sup>, Elias Veras<sup>18</sup>, Marina Duarte<sup>19</sup> e Rafael França Gonçalves dos Santos<sup>20</sup>, que mostram o interesse das/os historiadoras/es e o despertar da história para realidades e experiências além do universo cisgênero.

Importante sublinhar que em várias análises sobre as travestis uma tese se repete, que é a de o carnaval ter aberto as portas para aqueles que desejavam se travestir, ou como se dizia “estar em travesti”. Contudo, após o término da festividade, no resto do ano, eles abandonariam essa condição, deixando, assim, de estar em travesti, como se todos/as deixassem de se identificar e de serem identificados/as como mulher e com o feminino. Para muitos/as estudiosos/as da temática, somente a partir da segunda metade da década de 1970, e/ou sobretudo a partir de 1980, as travestis teriam surgido como grupo identitário e subjetivo. A partir de então, tiveram condições de moldar, alterar e ressignificar o corpo e a subjetividade. Um fator que contribui para essa percepção é que a partir dos anos 1970 houve uma “explosão” da prostituição travesti nas ruas do Rio de Janeiro e em São Paulo. Por consequência, era recorrente encontrar imagens e notícias de travestis vinculadas de maneira negativa na imprensa, especialmente nos cadernos policiais, fazendo com que elas se tornassem personagens conhecidos do público geral e fora dos círculos das festas gays, conformando, a partir daí, um grupo social reconhecido na sociedade brasileira<sup>21</sup>. Contudo, considerar que a primeira geração das travestis data dos anos 1970 é amalgamar a emergência da travesti com o surgimento e a explosão da prostituição travesti de rua. Por isso, trabalhos de várias áreas do saber, baseados em um conjunto diverso de fontes, destacam, muitas vezes não percebendo as especificidades do tempo e do espaço, como o

---

<sup>17</sup> LOPES Fábio Henrique. Travestilidade e ditadura civil-militar brasileira. Apontamentos de uma pesquisa. *Esboços*. v. 23, p. 145-167, 2016; \_\_\_\_\_. Escritas de si e artes de viver transgênero: as insubordinações de uma escrita trans? In: GOES, Anselmo (org.). *Poéticas da masculinidade em ruínas*. O amor em tempos de AIDS. UFSM/PPGL, 2017, p. 127-149.

<sup>18</sup> VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

<sup>19</sup> DUARTE, Marina Silva. *Splendeurs et misères des travesties brésiliennes*. Histoires croisées entre le Brésil et Paris (1960-2016). Tese (História). Université Paris-Diderot, 2018.

<sup>20</sup> SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. *Montagens de si: relações de amizade e experiências trans em Campos dos Goytacazes, 1990-2017*. Tese (História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

<sup>21</sup> Notas publicadas pela imprensa: ANONIMO. No Butantã, a intranquilidade nas esquinas da avenida Peixoto as prostitutas disputam a preferência da freguesia com os travestis, *Folha de S.Paulo*, 02 de janeiro de 1979, n.p. ANONIMO. Os moradores do Butatã reclamam ao coronel Erasmo, *Folha de S.Paulo*, 09 de janeiro de 1979, n.p.

carnaval, as festas privadas e a prostituição forjaram modos e estratégias de nomear, perceber e atribuir sentido às travestis.

Para nossos objetivos, é central a diferenciação entre “estar em travesti” e “ser travesti”. Muitas vezes, o argumento encontrado na bibliografia é de que pessoas socializadas como homens, muitas delas se identificando com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, aproveitavam de momentos específicos, como o carnaval ou festas privadas, para usar roupas e acessórios considerados do sexo oposto, ou seja femininos. Essas pessoas se identificavam como homens e, por isso, após as festas e os encontros, voltariam à sua “primeira condição”, a de homens heterossexuais ou homossexuais. Esse argumento cristaliza a ideia de não existir no Brasil, até o final da década de 1970, uma identidade ou processos subjetivos de gênero para além das orientações sexuais. Logo, estar em travesti seria diversão, capricho, condição momentânea e situacional. Contudo, nosso argumento é outro: já na década de 1960, pessoas passam a investir, e de certa maneira a reivindicar, o reconhecimento social como mulher, as travestis da primeira geração, as primeiras a viverem como mulheres, antes, durante e depois do carnaval e das festividades, adotando nome, aparência e comportamentos socialmente considerados femininos<sup>22</sup>.

Logo, defendemos que elas conformam uma geração porque em um mesmo momento/espço, década de 1960, nas cidades do Rio de Janeiro ou de São Paulo, pela primeira vez, ousam evidenciar e externar uma “não adequação” com o corpo e com a imagem de gênero que têm de si. Naquele contexto, elas investiram em processos de autodeterminação, se apropriando de referências de feminilidade (como das atrizes do teatro de revista, das cantoras do rádio, das vedetes, das misses dos concursos de beleza ou das atrizes hollywoodianas), roupas, acessórios, tratamentos hormonais e, posteriormente, de procedimentos cirúrgicos. Em suma, a passagem de “estar” para “ser” travesti é efeito e produto de um processo histórico, geracional e subjetivo de identificação, o qual vai forjar e possibilitar novas subjetividades. Elas, pela primeira vez no Brasil, de uma mesma geração, romperam com o sentido pejorativo atribuído ao termo “travesti”, cristalizado como sinônimo de imitação, engano ou de fingir ser o que não se é<sup>23</sup>. Elas passaram, assim, a viver

---

<sup>22</sup> Uma pesquisa feita a partir da busca de palavras-chave no portal do jornal *Folha de S. Paulo* nos mostra que, a partir dos anos 1960, o termo travesti começa a ser utilizado para identificar um grupo de pessoas. Nas décadas anteriores, o termo é usado como sinônimo de disfarce, fantasia. O novo uso adiciona mais um significado à palavra e é pautado por uma modificação social, nesse caso a emergência de uma nova categoria indenitária e subjetiva.

<sup>23</sup> PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Preciado, por Jesús Carrillo. 2004. Disponível em: [http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis15/Poiesis\\_15\\_EntrevistaBeatriz.pdf](http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis15/Poiesis_15_EntrevistaBeatriz.pdf). Acesso em 05 de dez. de 2020; JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012, p. 16 Disponível em: <http://www.diversidadese sexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em 20 dez. 2020.

no feminino, renunciando, também, subjetividades e interpretações de si delimitadas pelas figuras do homossexual efeminado e/ou dos transformistas. Essas travestis transbordam a vida para além do carnaval, criando novos fluxos, expandindo e fragmentando as diferenças, o que é possível ser, fazer, pensar, dizer e ver nas sexualidades e no gênero<sup>24</sup>.

## 2. Territorialidades e redes

O florescimento social e político, potencializado pelo rápido e desordenado crescimento urbano, além de uma vida cultural efervescente que favorecia iniciativas que buscavam forjar novas expressões artísticas, são algumas das principais características do Rio de Janeiro e São Paulo no início da década de 1960. As duas maiores cidades do Brasil são palco, condições de possibilidades, facilitadoras e, em certa medida, efeitos de inegáveis mudanças dos comportamentos, inclusive os sexuais, e dos costumes<sup>25</sup>. Essas duas grandes capitais foram refúgio de muitos homens homossexuais originários de pequenas cidades, onde as experiências públicas das homossexualidades eram quase impossíveis<sup>26</sup>. Nas cidades do interior, a homofobia, o machismo e o patriarcalismo são mais acentuados, e por isso representam um risco elevado para as dissidências sexuais. Assim, muitos homens gays e/ou afeminados foram buscar a possibilidade de viver sua sexualidade nas duas maiores cidades do Brasil, onde uma rede de sociabilidade que lhes dava algum suporte ou acolhimento se moldava.

Segundo James Green, já nas décadas de 1940 e 1950 observa-se dinâmicas sociais que favoreceram a criação de locais onde os homossexuais masculinos se encontravam, desenvolvendo ali uma rede de sociabilidade entre eles<sup>27</sup>. Não estamos afirmando que a conjuntura social e cultural determina um evento histórico, pois o curso da história não é teleológico, entretanto, deve existir um terreno fértil para que uma mudança ou acontecimento ocorra. Assim, a invenção das travestis enquanto um grupo identitário e como subjetividade histórica na sociedade brasileira é precedida por um momento no qual aparecem as condições de possibilidade para esse fenômeno. O trabalho de Green, que

---

<sup>24</sup> LOPES, Fábio Henrique. Subjetividades travestis no Rio de Janeiro. *Op. cit.*, p. 59.

<sup>25</sup> Ver: RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins de século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, (O Brasil Republicano; v. 4). p. 133- 166; LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbet S. Mudanças sociais no período militar (1964-1985). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil. 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 66- 91.

<sup>26</sup> Essa não é uma realidade exclusiva do Brasil, ver: ERIBON Didier. *La fuite vers la ville* In: \_\_\_\_\_. *Réflexions sur la question gay*, Paris: Flammarion, 2012.

<sup>27</sup> GREEN, James N. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

analisa o período entre 1945 – fim do Estado Novo – e 1968 – ano de implantação do AI-5 – com atenção especial aos territórios e locais de interação da comunidade gay masculina, nos ajuda a compreender o momento histórico precedente ao que consideramos como surgimento da travesti enquanto uma subjetividade. Esse período foi marcado pela forte imigração para as áreas urbanas e também pela prosperidade econômica do pós-guerra, com uma crescente expansão da classe média e aumento da indústria e do consumo<sup>28</sup>. As décadas de 1940 e 1950 marcaram o surgimento, no Brasil, do que Green chama de “subcultura homossexual”, que emerge a partir dos novos locais onde os homossexuais masculinos poderiam se encontrar, criar uma rede de sociabilidade e partilhar elementos e signos de uma cultura comum.

Porém, nos interessa aqui particularmente a década de 1960, quando uma rede ampla de espaços privados e públicos de sociabilidade de e para homossexuais era mais facilmente percebida nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, e a presença e circulação desses sujeitos sociais era reforçada, e até denunciada, pela imprensa. Por exemplo, nas ruas, praças, parques, teatros, boates e clubes do Rio de Janeiro essas sociabilidades se multiplicavam desde a década anterior, facilitando e promovendo novas redes de amigos e de parceiros sexuais, moldando a chamada “sociabilidade homoerótica”<sup>29</sup>. Os grandes centros ofereciam possíveis garantias de anonimato e muitas vezes fuga de uma situação exasperante de violência. Por isso, os grandes centros urbanos atraíam e seduziam diversos homossexuais, os quais buscavam modos de autoexpressão, de realização pessoal, outras amizades, lugares de encontro, possibilidades de liberdade<sup>30</sup>, processos de devir, de transformação, de novos modos de vida e de outras subjetividades.

Como sugerimos anteriormente, esses espaços, bem como as relações e redes neles favorecidas, eram inegavelmente potencializados em uma determinada época do ano, o carnaval<sup>31</sup>. Em alguns dias, certas ruas, avenidas, clubes e teatros eram tomados por uma tolerância a comportamentos comumente interditados. As festividades carnavalescas e o período de folia possibilitavam determinadas inversões da tradicional ordem de gênero, mesclando aceitação momentânea, e às vezes frágil, com repressão e diversas modalidades

---

<sup>28</sup> Sobre os desenvolvimentos urbanos e a possibilidade de expressão pública da sexualidade, ver: PARKER, Richard. *Abaixo do equador - culturas do desejo*, homossexualidade masculina e comunidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>29</sup> GREEN, James. *Além do Carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. *Op. cit.*

<sup>30</sup> Liberdade aqui não é entendida como uma norma universal ou um estado final a ser realizado, não como a ausência de forças explícitas ou de leis injustas, não um fora de relações de poder, mas como prática, como exercício. Ver: FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: \_\_\_\_\_. *Ética, Sexualidade, Política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006(b). (Ditos e escritos; V), p. 264 – 287; MCLAREN, Margaret A. *Foucault, Feminismo e Subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2016, p. 53-60.

<sup>31</sup> Sobre a relação entre Carnaval, homossexualidades e travestilidades, ver: GREEN, James N. *Além do Carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. *Op. cit.* e VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. *Op. cit.*

de ódio historicamente sedimentadas. Permissões de trânsito dos tradicionais masculino para o feminino, por exemplo, embriagavam não só os moradores da cidade, como os visitantes e turistas, desde que restrita a certos dias e a determinados espaços. Nesse contexto, por exemplo, o travestismo era possível na e para a folia.

O travestir-se durante o carnaval tornou-se visível, quase que um emblema da cultura brasileira. Carnaval, teatros, bailes e festas privadas eram espaços e momentos propícios, e às vezes únicos, para homens vestirem-se “de mulheres”, que nesse caso significava usarem artefatos e acessórios do considerado “sexo oposto”. Por conta da festividade do carnaval e da folia, algumas noções, imagens e sentidos socialmente forjados eram enraizados e cristalizados, tecendo realidades como a de homens que fingiam ser o que não eram, promovendo, como historicamente se acreditava, a imitação e o engano. Noções como “estar em travesti”, “ir de travesti”, “homem vestido de mulher”, “homens travestidos”, “montar-se”, “viado fantasiado”<sup>32</sup> e outras similares ajudaram a naturalizar a travestilidade como disfarce, como diversão momentânea, como condição fugaz e passageira. Após o carnaval, depois das festas públicas ou privadas, os jogos que historicamente moldavam e naturalizavam os gêneros eram reforçados, como as hierarquias e as assimetrias entre as masculinidades<sup>33</sup>. Como efeito desse jogo de sentidos, imagens e referências, eram nomeados de travestis os homens que se vestiam de mulher em ocasiões específicas, durante um dado momento.

Outra histórica categoria muito usada era a de “transformista”, ou seja, aqueles que se “transformavam” e se “montavam” de mulher em ocasiões e momentos específicos, como o carnaval, festas privadas ou para apresentações teatrais. Dito de outro modo, considerava-se como transformistas as pessoas do sexo masculino que usavam roupas, acessórios e/ou fantasias que socialmente eram consideradas do sexo oposto. Para complexificar o jogo de sentidos e das históricas possibilidades de se nomear e interpelar os sujeitos, “travesti” também era uma noção historicamente ligada à prática de se transformar e de se montar de mulher. Logo, não estava restrita a homossexuais, já que homens socialmente considerados e percebidos como heterossexuais também tinham licença e permissão para se vestirem de mulher, por exemplo, durante as festividades do carnaval, sem que isso, necessariamente, tivesse alguma implicação de ou na(s) identidade(s) de gênero e orientação sexual. A “brincadeira” de se fantasiar de mulher por homens heterossexuais e cisgêneros durante a

---

<sup>32</sup> Sobre a feminilidade travesti como imitação, mentira e farsa, ver: VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. *Op. cit.*

<sup>33</sup> De acordo James Green, experimentar roupas de mulher em público fora da folia e das festividades carnavalescas poderia levar à prisão. GREEN, James. *Além do Carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. *Op. cit.*, p. 331.

festividade, em sua grande maioria, pouco tem a ver com uma subversão de gênero. Ao contrário, ela se configura como uma imitação burlesca e depreciativa do que se entende por feminilidade e, nesse sentido, ela é uma prática que acentua a heteronormatividade<sup>34</sup>.

Em contraponto, sugerimos que os processos de subjetivação que forjam a travestilidade a partir da década de 1960, permitindo a emergência das novas subjetividades “travesti”, têm efeito subversivo, pois se trata de uma prática que borra as fronteiras dos gêneros, mesmo que muitas vezes possa parecer corroborar com as divisões binárias. É importante ressaltarmos que uma marcação mais “binária” do processo de travestilidade é acentuada na primeira geração, pois em sua época termos como “não binário”, “sem gênero”, e outros processos complexificadores da transgenização oriundos de uma reflexão interna de pessoas trans não faziam parte do universo das travestis. Por isso, não é sem importância, para nosso entendimento, sublinhar as diferenças geracionais do processo de transformação corporal.

Ainda em relação ao carnaval, que muito afetou essa primeira geração, não podemos esquecer que suas imagens e sentidos devam ser inseridos em uma representação recorrente do país, que é a do erotismo e da sensualidade. De acordo com Simões e Facchini, realçar que certa liberdade ou desregramento sexual está no coração de nossa nacionalidade, além das excentricidades eróticas e da tolerância, molda para o Brasil, e em especial para o Rio de Janeiro, um cenário privilegiado de luxúrias e de permissividade sexual, em que as manifestações de homoerotismo são calorosamente acolhidas como destaques na paisagem<sup>35</sup>.

Porém, a cidade não se resume às festividades do Carnaval. Como aponta a bibliografia, há uma proliferação de espaços de sociabilidade homoerótica no Rio de Janeiro, advinda de uma expansão e conformação do espaço urbano para os homossexuais, com diversos bares, discotecas e saunas<sup>36</sup>. Alguns desses espaços recebem destaque nas narrativas tomadas como fontes para este artigo, entre eles: a praça Tiradentes, Lapa, Flamengo, Praia de Copacabana (sobretudo na frente do Hotel Copacabana Palace), os teatros João Caetano, República, Recreio, Dulcina e Rival, as boates Stop, Alcatraz, Fred’s e Lido, facilitando interações e promovendo novas redes de amigos e de parceiros sexuais, permitindo outros modos de ser e outras subjetivações<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> Sobre a discussão sobre subversão e apropriação do gênero, ver: BUTLER, Judith. *Ces corps qui comptent: de la matérialité et des limites discursives du sexe*. Paris, Amsterdam, 2009 p. 209.

<sup>35</sup> SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris*. Do movimento homossexual ao LGBT. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 24-25.

<sup>36</sup> GREEN, James N. *Além do Carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. *Op.cit.*, p. 396.

<sup>37</sup> LOPES, Fábio Henrique. Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960. *Op.cit.*, p.56.

Para além dos espaços acima citados, alguns exemplos dessa sociabilidade homoerótica precisam ser destacados, como o da Turma OK e alguns jornais criados ao longo da década de 1960. De acordo com Soliva, a Turma OK foi fundada janeiro de 1961, quando alguns amigos se reuniam semanalmente, ou no mínimo de 15 em 15 dias em seus apartamentos para fins de diversão, lazer e sociabilidade<sup>38</sup>. Ainda segundo o autor, esses homens eram funcionários públicos, comerciantes ou de profissões ligadas ao mundo da arte e do entretenimento – maquiadores, cabeleireiros, figurinistas – que buscavam viver abertamente a homossexualidade, mesmo que em espaços privados<sup>39</sup>. Para esse pesquisador, ali se aprendia a ser “bicha”, a compartilhar uma identidade, assim como, mais tarde, em reuniões semelhantes, aprendeu-se a ser “militante homossexual”<sup>40</sup>. Criado por um grupo de amigos, funcionou regularmente até o Ato Institucional Nº 5 (1968), quando o grupo se dispersou, retomando suas atividades em 1972<sup>41</sup>. De princípio, esses amigos se reuniam para “compartilhar experiências relacionadas às sexualidades e performances de gênero não convencionais” passando, por isso, a se perceberem como integrantes de uma família<sup>42</sup>.

Outras experiências coloriram a década de 1960 carioca, como foi o caso da imprensa organizada por e para homossexuais. Um exemplo foi o Jornal *Snob*, criado em 1960, divulgado na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Rodrigues,

(...) feito de formato artesanal, o jornal era mimeografado e distribuído entre amigos, tendo sido quase exclusivamente um veículo para registrar as festas e reuniões deste grupo, além de dar dicas sobre locais de “pegação”, moda e os últimos acontecimentos na cidade<sup>43</sup>.

Além desse periódico, outras publicações de circulação restritíssima eram dirigidas para o público homossexual, como eram o *Le Femme*, o *Subúrbio à Noite* e o *Gente Gay*<sup>44</sup>. Considerados jornais caseiros, esses periódicos dedicavam grande espaço para comentários

---

<sup>38</sup> SOLIVA, Thiago. Sobre afetos e resistências: Uma análise da trajetória da Turma OK (Rio de Janeiro, Brasil). *Sexualidad, Salud y sociedad (Rio de Janeiro)*, 2019, p. 60

<sup>39</sup> SOLIVA. *Idem*. p. 65.

<sup>40</sup> SOLIVA, Thiago Barcelos. A confraria gay: um estudo sobre a trajetória da Turma OK. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. SP: Alameda, 2018, p. 123-125.

<sup>41</sup> CÂMARA, Cristina. Um olhar sobre a história do ativismo LGBT no Rio de Janeiro. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. v. 9, 2015, p. 375.

<sup>42</sup> SOLIVA. *Idem*, p. 60.

<sup>43</sup> RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay do Brasil. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. SP: Alameda, 2018, p. 239.

<sup>44</sup> RODRIGUES, Jorge Caê, *idem*, p. 237.

e focas sobre as façanhas e desventuras de seus editores e de seus rivais<sup>45</sup>. Eles eram mimeografados e distribuídos de mão em mão nos pontos de encontros de homossexuais<sup>46</sup>.

Nesses conjuntos de espaços de sociabilidade ocupados sobretudo por homossexuais nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, aos menos se tomarmos como referência a bibliografia mencionada, as travestis tinham um papel coadjuvante. O grande protagonista dessa cena era o homem cisgênero homossexual, certamente por questões sociais de privilégios mesmo dentro das minorias. As travestis, quando mencionadas, estão quase sempre ligadas ao universo do mercado do sexo. Isso não é mero esquecimento dos estudiosos das homossexualidades. De fato, muitas travestis encontravam seu modo de sobrevivência, de sociabilidade, de possibilidade de transformação no mundo da prostituição. Não obstante, são nesses ambientes, festivos, artísticos e também no mercado sexual, que as primeiras travestis começam a circular com mais liberdade e onde criou-se uma abertura para consolidação desse novo modo de ser no mundo.

No entanto, em meados de 1960, um evento marcou a história das travestis brasileiras, a saber, a emergência dos espetáculos de travestis, onde finalmente eram elas as grandes protagonistas<sup>47</sup>. Em 1964, um dos primeiros shows foi encenado no Rio de Janeiro, na boate Stop. Tratava-se do espetáculo intitulado *Le Internacional Set*<sup>48</sup>. O espetáculo *Les Girls*, lançado também na década de 1960, permaneceu em cartaz por mais de uma década no Brasil e foi regularmente apresentado nas temporadas dos teatros do Rio de Janeiro e de São Paulo. O sucesso foi tão grande que permitiu turnês por outros países da América Latina, como Argentina e Uruguai. O enredo de *Les Girls*, segundo Rogéria, era simples, com uma história que se passava no consultório de uma psiquiatra que ouvia os problemas de belas mulheres (travestis) que cantavam, dançavam e desfilavam em trajes elegantes<sup>49</sup>. Nesse sentido, podemos inferir que o sucesso de público se explicaria em razão da curiosidade e da atração pelas características e novidades das personagens. Outro evento marcante é o lançamento, em 1966, do álbum de Valéria pela gravadora Mocambo, intitulado *O travesti*. Não é sem importância essa ascensão artística das travestis na década de 1960. Algumas

---

<sup>45</sup> SIMÕES; FACCHINI, *Na trilha do arco-íris. Do movimento homossexual ao LGBT*. SP. Op. cit., p. 69-70.

<sup>46</sup> QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. Tese (Relações Internacionais) - Universidade de São Paulo, 2017, p. 286.

<sup>47</sup> As publicidades dos espetáculos são anunciadas no jornal *Folha de S.Paulo* de maneira regular entre meados da década de 1960 até o fim dos anos 1970.

<sup>48</sup> FIGARI, Carlos. *@s 'outr@s' cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: UFMG/IUPERJ, 2007, p. 433; CELESTE Claudia. Entrevista com Claudia Celeste, Diva que incomoda. *Geni* n° 0, 2013, p.3. Disponível em: <https://revistageni.org/06/diva-que-incomoda-claudia-celeste/>. Acesso em 8 março 2017.

<sup>49</sup> PASCHOAL, Márcio. *Rogéria Uma Mulher e mais um pouco*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p.43.

delas, notadamente Valéria, ganharam destaque no cenário internacional do cabaré trans francês da década de 1970<sup>50</sup>.

Logo, antes de as travestis virarem um evento público mediatizado<sup>51</sup>, elas já eram famosas e reconhecidas em um circuito mais específico. Certamente, a visibilidade que algumas delas tiveram ao participarem das emissões de televisão, de programas de auditório e de entretenimento, atuando também em telenovelas e sobretudo com o sucesso vertiginoso e sem precedentes de uma pessoa não cisgênera, como Roberta Close, fazem dos anos 1980 o ápice da fama das travestis no cenário nacional. Nesse sentido, a década de 1980 sedimenta e confirma um processo iniciado nos anos 1960.

Uma rede variada de espaços públicos e privados, de amizade, de afeto e de encontros sexuais, de diversão, de festas, de trocas de experiências e solidariedade moldaram a cena urbana e cultural do Rio de Janeiro e de São Paulo das décadas de 1960 até a década de 1980. Mas essa visibilidade, permitida e facilitadora de mudanças dos costumes e de novas subjetividades, alimentou perseguições e uma variada gama de violências, algumas delas reforçadas pela ditadura militar, como eram a fiscalização da polícia, as prisões arbitrárias e o medo generalizado.

De acordo com Reis, a ditadura é resultado de uma conjunção complexa de condições, de processos e de ações<sup>52</sup>, além de um grande medo de que viria um tempo de desordem e de caos, marcado pela subversão dos princípios e dos valores vigentes, inclusive dos religiosos<sup>53</sup>, que levaria o país à desordem e ao caos, ameaçando instituições e valores<sup>54</sup>. Para Quinalha, a retórica da moralidade pública e dos bons costumes foi central na sustentação da ditadura. A partir dela, a defesa das tradições, a proteção da família e o cultivo dos valores religiosos cristãos se tornaram motes que animaram uma cruzada repressiva contra setores classificados como indesejáveis e considerados ameaçadores à ordem moral e sexual então vigente<sup>55</sup>. A partir de dezembro de 1968, com o AI-5, o golpe dentro do golpe<sup>56</sup>, as margens de liberdade e de críticas políticas foram reduzidas radicalmente<sup>57</sup>. Desde então, de forma mais constante, a Ditadura se preocupou também com a pornografia, com o erotismo e com

---

<sup>50</sup> Para uma análise da presença das travestis brasileiras da primeira geração em Paris, ver: DUARTE, Marina. *Corpos Migrantes: a presença da primeira geração de travestis brasileiras em Paris*. In: SOUSA NETO, Miguel Rodrigues; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs.) *História e Teoria Queer*, Simões Filho: Devires, 2018, p. 177-207.

<sup>51</sup> VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. *Op.cit.*, p. 163.

<sup>52</sup> REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo P. Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 17-18.

<sup>53</sup> REIS, Daniel. *Idem*, 2014, 37-38.

<sup>54</sup> REIS, Daniel. *Idem*, 2014, p. 48

<sup>55</sup> QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. *Op. cit.*, p. 25-26.

<sup>56</sup> REIS, Daniel. *Idem*, 2014, p. 73.

<sup>57</sup> REIS, Daniel. *Idem*, 2014, p.74.

as homossexualidades. Para Quinalha, esses fenômenos foram classificados como temas e práticas ameaçadoras não apenas contra a estabilidade política e a segurança nacional, mas também contra a ordem sexual, a família tradicional e os valores éticos<sup>58</sup>. Novos jogos normativos, de interdição e de violência afetaram drasticamente os territórios ampliados de sociabilidade homossexual, os quais se tornaram alvo regular de incursões policiais, muitas vezes a pretexto de combate à vadiagem e ao tráfico de drogas<sup>59</sup>.

Da cristalização de espaços e de redes de sociabilidade já existentes às novas maneiras de ser, aos novos lugares de encontro, de sociabilidade e de trocas de experiências; das conhecidas possibilidades de expressão, como o carnaval e as festas privadas, aos novos jornais escritos por e para homossexuais; da inicial liberdade de circulação às restrições impostas pela Ditadura, a década de 1960 é condição de possibilidade para uma diferenciação historicamente forjada entre modos de ser e subjetividades. Se muitos continuaram se montando, se percebendo e se expressando como transformistas, ou como se dizia, estando de travesti, outros investiram no “ser travesti”, não apenas em festas públicas, privadas ou em apresentações artísticas. Esta diferenciação entre ser e estar marca e singulariza a primeira geração de travestis no Rio de Janeiro e em São Paulo. Logo, estar em travesti e ser travesti são, portanto, experiências e práticas históricas diferentes.

### 3. Histórias de vida e visibilidades

A análise da emergência da primeira geração das travestis apresentada neste artigo foi feita a partir do diálogo com a bibliografia sobre o tema, de pesquisa em jornais e do confronto dessas fontes escritas com um trabalho de campo com as sujeitas históricas dessa primeira geração. Os arquivos de jornais e textos já publicados são materiais importantes, mas as vozes das testemunhas foram fundamentais para que pudéssemos ter um entendimento aprofundado sobre essa subjetividade emergente. A história das travestis da primeira geração não é encontrada nos arquivos oficiais, nem nas estantes dos vencedores da história. Para termos acesso aos vestígios desse passado, agenciamos uma rede de contatos, de encontros e de trocas no Rio de Janeiro ou em Paris. E foi isso que fizemos. As entrevistas com Aloma e Yeda Brow foram realizadas na capital carioca, após muitos encontros e conversas entre o pesquisador Fábio Lopes<sup>60</sup> e suas interlocutoras. Já os relatos

---

<sup>58</sup> QUINALHA, Renan. *Idem*, 2017, p. 31.

<sup>59</sup> SIMÕES; FACCHINI. *Na trilha do arco-íris. Do movimento homossexual ao LGBT. Op. cit.*, p. 74.

<sup>60</sup> Importante fazer referência à participação do pesquisador Paulo Vitor Guedes de Souza, mestrando em História pelo PPHR-UFRRJ, bolsista FAPERJ.

de Vera de Paris foram possibilitados pela convivência com Marina Duarte durante sua pesquisa de doutorado em Paris.

As três histórias a seguir iluminam a vida de três travestis da primeira geração. Entre as poucas sobreviventes, elas foram selecionadas pela disponibilidade, pelo interesse em participar de nossa empreitada e, sobretudo, pela riqueza e complexidade de suas trajetórias e narrativas. Aloma e Yeda Brow são expoentes do mundo do espetáculo e das artes. Por sua vez, Vera de Paris é uma pioneira da imigração para a capital francesa que nos mostra o mundo espetacular da época de ouro das brasileiras do *Bois de Boulogne*. As narrativas aqui são fruto dos testemunhos dessas três personagens ainda pouco conhecidas e trabalhadas pela historiografia, e que dão materialidade para nossa análise, além de contribuir para dar uma maior visibilidade às experiências e aos protagonismos dessas travestis.

### *Aloma*<sup>61</sup>

Em 1958, aos 09 anos de idade, um jovem menino negro e afeminado foge de sua casa, deixa sua cidade natal, Salvador/BA, e parte em direção ao Rio de Janeiro sem muita consciência dos riscos e dos perigos daquela jornada. Tal menino morou na rua por 04 anos, com mendigos na praça Tiradentes, região central da cidade, e no Flamengo, conhecido bairro da zona sul carioca. No tempo presente, ao narrar o acontecido, sem dramatizar suas escolhas, Aloma recusa para si o papel e o lugar de vítima por ter vivido nas ruas, o que poderia fraturar a potência de suas atuações<sup>62</sup>. Ao invés de lamentar as experiências do tempo passado, afirma percursos e valoriza a importância de alguns encontros possibilitados por aquele espaço, ou seja, pela rua:

Meu primeiro apartamento foi uma caixa de geladeira Cônsul, na praia... Eu dormia no banco da praça Carlos Gomes. Todo dia passava uma bicha chamada Joca, já tinha cabelo comprido, passava gritando, eu achava um barato... Ele morava perto da Estudantina<sup>63</sup> ... De tanto ele me ver ali, perguntou: você não tem casa não?

Eu: não.

Joca: e você gostaria de ter uma casa?

Eu: gostar eu gostaria, mas não posso, vou ficar aqui mesmo.

Joca: aqui não você vai ficar não! Vai pra minha casa...

O jovem adolescente aceitou o convite, deixou as ruas e, mais uma vez, não se acovardou com o desconhecido. Dos anos em que viveu com Joca, Aloma sublinha duas experiências importantes na construção de sua subjetividade. A primeira se refere aos novos processos de autoexpressão e de autopercepção, de se perceber como Lili, primeiro nome

---

<sup>61</sup> Entrevista concedida por Aloma em 25/7/2017.

<sup>62</sup> LOPES, Fábio Henrique. Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960. *Op.cit.* 2018.

<sup>63</sup> Tradicional casa de dança, situada na praça Tiradentes, região de Centro Histórico da cidade do Rio de Janeiro.

feminino por ela escolhido. A segunda se deu quanto aos efeitos dos hormônios, já na década de 1960:

O Joca me dava 02 [comprimidos] de manhã, 02 à tarde e 02 à noite... Eu sempre fui muito magrinha, muito magrinha. Depois que o Joca viu que o hormônio estava fazendo certa reação em mim, tava me botando formas femininas, o seio começou a sair... aí ele começou a tomar também... sem saber eu estava servindo de cobaia... Quando ele me deu esses hormônios ela dizia que era para eu engordar, como de fato dava muita fome... Apesar da maldade, foi uma ajuda muito grande para mim. Para minha estrutura feminina foi ótimo...

Além das novas experiências subjetivas e da mudança corporal, o tempo em que viveu com o amigo Joca permitiu que Lili aprendesse as técnicas da costura, de início fazendo bainhas, depois produzindo vestidos e figurinos, possibilitando a ela certa independência financeira. Cerca de 05 a 06 anos depois, outra mudança de rumo. Em suas palavras:

Ele [Joca] fazia uma peça no Teatro Carlos Gomes, 'Eles são elas', todas às segundas-feiras. Aí eu fui vestir elas, em 68/69. Aí quando terminou a peça, me joguei no [teatro] Rival. Fui vestir no Rival, era o sucesso, era o boom (...).

Essa passagem do Teatro Carlos Gomes para o Rival ganha tonalidade e expressão em suas narrativas, modo pelo qual ela destaca seu desassossego e sua coragem de trilhar sempre novos caminhos. Sem reservas, ela ressalta:

Fui vestir no Rival, mas eu fazia micagem nos camarins, imitando elas. Eu sabia de tudo. Vestia elas, corria pra plateia, ficava vendo o número, voltava, vestia mais 3, vestia de 3 em 3... eu via sempre o show, eu gostava de ver. Um dia a Rogéria me viu sem roupa, quase sem roupa, e disse assim: 'Bicha, como esse corpo é seu bicha' ?... Ela pensava que eu usava Pirelli como as outras, espuma para dar formato de mulher (...).

No final da década de 1960, por já se fazer e ser percebida como feminina em virtude do efeito dos primeiros hormônios, ela foi aceita para atuar no famoso Teatro Rival. A partir de então, sem muita noção do que se passava, abandonou sua condição de Lili, a auxiliar das protagonistas e, aos poucos, fez surgir Aloma, a artista e travesti negra. Estar e atuar no Rival foi momento e estratégia de investimento relacional e subjetivo na sua autoidentificação travesti. Portanto, aquele foi um momento de experiência de autodeterminação para além do gênero que lhe foi imposto ao nascer.

Contudo, os investimentos em uma feminilidade muito cedo corporificada e visivelmente atestada, como dito acima, fruto dos hormônios ingeridos em grande escala e muito cedo, além do fato de ela ser negra em um meio dominado pelos/as brancos/as, causaram rivalidades e tensões inesperadas. Aloma foi hostilizada por transformistas que atuavam no palco do Teatro Rival, pois diferentemente desses, ela já era muito feminina. Ao mesmo tempo, fora humilhada por ser negra. Em suas palavras:

(...) dentro do Rival tinha o Navio Negreiro [nome dado ao camarim das negras]... Nosso Camarim era lá atrás, no fundo do teatro, não com as brancas... Eram eu, Milene, Rita Moreno, Darla e Eloina dos Leopardos (...).

Se naquele momento o chamado “Navio Negreiro” foi usado pelos/as brancos/as para desvalorizar, hierarquizar e discriminar as/os negras/os, provocando preterimento e dor, no tempo presente, Aloma reconhece que as violências ali vividas não conseguiram impedir ou bloquear novas possibilidades subjetivas e artísticas.

Sua narrativa sobre o passado, anos 1960 e início da década de 1970, na cidade do Rio de Janeiro, como depois em São Paulo e na Itália, reforçam encontros, alianças e rivalidades. Se com as travestis, com os transformistas e com os amigos homossexuais cisgêneros ela compartilhou históricas opressões, baseadas, por exemplo, na orientação sexual, outras batalhas lhe foram mais solitárias ou em intensidades diferentes, para além da opressão de gênero. Aloma narra, de certa maneira, não apenas as experiências que conformam o seu passado pessoal. Em suas escritas de si há muito de um passado coletivo, além de experiências de assujeitamento e de abjeção<sup>64</sup> que possivelmente foram compartilhadas por muitas outras travestis negras de sua geração, a maior parte assassinada, dizimada pela abjeção e pelo ódio cisheteronormativo e branco.

De 1968 a 1972, Aloma atuou no palco do Teatro Rival. De acordo com sua narrativa, podemos afirmar que esse lugar funcionava como espaço e condição de possibilidade de específicos processos de subjetivação, de abandono dos históricos e visíveis marcadores de masculinidade e de novos investimentos e intervenções corporais. Em 1972, depois de uma entrevista de várias páginas concedida à revista *O Cruzeiro*<sup>65</sup>, ela excursionou pelo Norte e Nordeste do país. Essa matéria de várias páginas ganha importância em sua narrativa não só pelo fato de a revista ser de grande circulação, ou por facilitar ampla projeção e reconhecimento. Essa matéria possibilitou a Aloma o que poucas travestis negras de sua geração alcançaram. Sempre com sorriso nos lábios, ela lembra daquele momento, das experiências registradas e conservadas nas páginas da revista. Ao retornar ao Rio de Janeiro, depois de atuar em outras regiões do país, foi convidada para trabalhar em São Paulo e depois em Milão. Tais experiências foram possibilitadas, como ela sublinha, pelo fato de ser muito feminina, por ser uma excelente profissional do mundo artístico, por se fazer respeitar e por zelar pela seriedade de seus contatos profissionais.

---

<sup>64</sup> De acordo com Richard Miskolci, “o termo ‘abjeção’ se refere ao espaço que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política... A abjeção, em termos sociais, constituiu a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é comunidade”. Ver: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. p. 24.

<sup>65</sup> BAIÃO, Isis. *O Cruzeiro* ano XLIV, n. 24, 14/06/1972, quarta-feira, p. 36 - 40.

Aloma não apaga ou se deixa enredar apenas pelas experiências de abuso, pelas diversas hierarquias que a oprimiram e pelos inegáveis sofrimentos advindos de processos de exclusão. Com ela, aprendemos a complexificar os arranjos em torno dos processos de subjetivação. Em suas experiências subjetivas, Aloma destaca as exclusões promovidas pelo fato de ser negra ou de, ainda muito jovem, se fazer feminina. Tratam-se de exclusões permitidas por normativas históricas, mas também presentes na emergência do novo e do singular, ou seja, da subjetividade travesti, em um espaço dominado pelos homossexuais masculinos e pelos transformistas.

Suas narrativas historicizam as normas de gênero, sugerindo como elas atuam na formatação dos “femininos”, dos “masculinos” e daqueles que vivem, momentaneamente ou não, no trânsito. Com o vivido e o narrado, sugere que “ser feminina não é natural [nem] para as mulheres, mas o resultado de práticas socioculturais”<sup>66</sup>. Ao mesmo tempo, Aloma positiva as novas subjetividades travestis, as quais já no início da década de 1960, no Rio de Janeiro, desestabilizaram categorias cristalizadas, como as de “homossexual”, “viado” e “transformista”. Com ela, aprendemos a perceber as diversas, microfísicas e cotidianas formas de opressões, reproduzidas nas ruas, nos palcos, nas relações profissionais e nas de amizade. Ao mesmo tempo, com ela, identificamos singularidades específicas da experiência travesti.

### *Yeda Brown*<sup>67</sup>

Yeda Brown nasceu em Bagé, no Rio Grande do Sul, em 1947. Suas narrativas de si estão impregnadas de nostalgia, afeto e emoção. Muitas vezes em lágrimas, ressignifica a relação com o pai, a mãe, a irmã mais velha e o irmão caçula. Ao atribuir sentido às experiências de seu passado na cidade do interior gaúcho, ela sublinha que naquele período ainda era muito inocente e pura, além de ter travado muitas batalhas com o pai militar, definido por ela como autoritário e “ditador babadeiro”, tipo comum e referência do macho-gaúcho-provedor.

A narrativa sobre os amigos e as amigas intercalam e diagonalizam certas diferenças e importantes aproximações de gênero e de sexualidade. Se com meninas ela se sentia mais à vontade e bem aceita, com os meninos gays e com aqueles considerados afeminados a cumplicidade era inegável, positivando identificação, apoio e solidariedade.

A relação com o pai foi árdua, conforme mencionamos acima. Hoje, em sua narrativa, ela relembra diversas ocasiões nas quais ele a submeteu à opressão viril, masculina e

---

<sup>66</sup> MCLAREN, Margaret A. *Foucault, Feminismo e Subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2016, p. 131.

<sup>67</sup> Entrevistas concedidas por Yeda Brown em 10.10.2016, 21/11/2016, 24/04/2017 e 15/02/2019.

cisgênera. A figura e a força socialmente cristalizadas do pai, gaúcho, militar e provedor foram, muitas vezes, castradoras. Para ela, “o pai queria só que estudasse medicina... Foi difícil... Meu pai me obrigou a fazer o serviço militar, pensando que era a última tentativa de aquele filho... Tive que baixar o homem (...)”.

É nesse momento, do serviço militar, que sua família deixa sua cidade de origem, em 1965, pois o pai fora transferido ao Rio de Janeiro, dois anos antes de ele ir à reserva. Assim, o serviço militar foi iniciado: “eu deveria fazer o serviço militar, ele não quis me livrar, ele pensava que fazendo o serviço militar... E o meu pai podia ter me livrado, porque ele era militar, alto militar. Mas ele não quis porque ele achava, a esperança dele...”. Para suportar o inevitável, afirma ter criado uma estratégia para sobreviver à experiência e à violência do ambiente masculino militar, “ter feito a Joana D’Arc”:

Como é que eu vou fazer meu Deus... Eu tenho que ter um comportamento babadeiro... eu me vestia de homem para deixar meu pai contente... Eu tentava ... Dizia que tinha noiva... No banho eu olhava pra cima, não olhava pra baixo... [rindo] era um drama... eu ficava incubadinha...  
Pensei: vou interpretar e vou interpretar bem até o final... Mas quando terminar, ahhh [risos] o mundo vai ser pequeno para mim... [com lágrimas nos olhos e voz embargada] nunca me esqueci dessas palavras: “o mundo vai ser pequeno...”

Mesmo “fazendo a Joana D’Arc”, com o cabelinho cortado e os trejeitos controlados, Yeda Brown não se submeteu passivamente aos valores viris, heterocentros e militares. Permitiu-se ter relações com homens e alguns namorados. Em um de seus passeios pela nova cidade, descobriu uma região que se fazia central para todos que se inquietavam com as gramáticas e proposições tradicionais de gênero daquela época: a Cinelândia, com suas luzes e intensa circulação. Passear pelas ruas da Cinelândia, região central da cidade, deslumbrou o jovem gaúcho que ainda insistia em se fazer Joana D’Arc. Nesse meio tempo, um encontro mudou radicalmente sua vida. Nele, conheceu Joaquim Carvalho, de quem logo se tornou namorado e amante. Durante as idas e vindas do curso de datilografia, uma amiga chamada Mônica, nas palavras de Yeda, “uma gayzinha bem pintosa”, os apresentou. Logo de início, o senhor português demonstrou interesse em ficar apenas com o jovem gaúcho:

... ele era um senhor de 65 anos, maravilhoso... Aí ele me falou: amanhã eu posso encontrar com você sozinho? Eu: sim, sim... Ele era meu anjo da guarda... Aí eu comecei a encontrar com ele... Ele: eu saio com você, aí você parece meu sobrinho... Eu encontrava com ele todos os dias... dizia que gostava de me hormonar [sic]... eu vejo minhas amigas que tem peito... eu também queria aprender a ser maquiadora, cabelereiro...

Alguns meses depois, Yeda foi obrigada a acompanhar a família de volta à cidade natal, para o pai finalmente se aposentar. O patriarca foi taxativo sobre não deixar o filho sozinho no Rio de Janeiro. Por isso, o serviço militar foi concluído no Sul. Depois da mudança, ela começou a receber pelos correios correspondências enviadas por Joaquim, e nelas uma certa quantia em dinheiro, reservado para garantir, o mais rápido possível, seu retorno ao Rio de Janeiro. Algum tempo depois, com o término do serviço militar, abandona o seio familiar e volta ao Rio de Janeiro.

Logo após sua chegada, retoma as redes de amizade forjadas anteriormente e, com a ajuda de Joaquim, começou o curso para aprender a maquiagem e para ser cabelereira. De acordo com ela, nessa ocasião, por conta dos hormônios, já se notava os pequenos seios. Dá época de seu retorno, lembra da importância de alguns amigos e amigas, como Jorge Simoni, transformista, maquiador e cabelereiro que vendia perucas, quem a ajudou inclusive a encontrar onde morar. O retorno ao Rio também foi momento de investimento na mudança corporal e subjetiva, sem mais se preocupar com os olhares vigilantes da família, deixou seu cabelo crescer naturalmente, e teve acesso aos hormônios comprados com muita facilidade nas farmácias. Yeda se lembra que o hormônio Lindiol 0,5 não fazia muito efeito, já o 2,5 era mais rápido e eficaz. Também ressalta ter usado injeções de Primodos 50 e Proginow depot 100ml. Em suas palavras: “eu tomava Primodos 50, eu tomava um dia sim, outro não... não sei como não morri... eu tomava sanduíche de hormônios... de tanta vontade de ser mulher...”.

Outra invenção subjetiva forjada neste momento é a emergência de Yeda, de princípio Yeda Braunner, escolha inspirada e em homenagem às misses gaúchas Ieda Maria Vargas e a Vera Maria Braunner. Assim, escolheu Yeda Braunner. A grafia do nome foi mudada somente em Belo Horizonte, em 1970, para Yeda Brown.

Yeda Braunner começou a trabalhar no Teatro Carlos Gomes, às segundas-feiras. Por já ser muito feminina, foi incentivada por uma das amigas, Consuelo, a fazer um teste no famoso Teatro Rival, onde teria mais prestígio. Em 1968, depois de ser aprovada no teste, passou a fazer parte do seito grupo artístico da época, momento, portanto, de conquista, mas também de muita rivalidade e hierarquizações. As diferenças e diversidades corporais operavam violentamente naquele espaço. As formas femininas já delineadas pelos hormônios, em um meio também marcado pela presença de muitos transformistas, promoveu empatias e violências:

... Eu era muito inocente e pura heim, eu era inocente e pura. O que eu escutava aqui delas eu ficava apavorada, quando eu entrei no Rival! Ahhh... Eu chorava como louca... elas diziam: vamos lá, vamos lá... Vamos lá rir da gaúcha... Rogéria ria de mim, ela e outras riam de mim porque viam que eu

era pura... Eu pura como um lírio. E elas já eram tudo anacondas! Já eram anacondas, aquele bando de anaconda! Veruska, a dona Marquesa, a Rogéria foi malíssima, a Rogéria foi malíssima. Depois ficou maravilhosa, mas ela foi malíssima! Na época de novinha ela era babado. Ela entrava no seu camarim, e ela dizia: vou usar esse vestido hoje. Não podia dizer que não. Rogéria dizia: eu vou estrear ele hoje, esse vestido. Amanha você estreia, hoje é a Rogéria que vai estrear. E levava o vestido pro Fred's ou pro não sei aonde pra ela fazer show à noite. No dia seguinte, estava no seu camarim o vestidinho direitinho, mas ela que estreou... a Rogéria era *show-woman*. A Rogéria era *show-woman*. Insegurança da estrela, todas estrelas são inseguras...

A hostilidade fora alimentada pelo fato de Yeda se fazer mais feminina do que suas colegas de palco. Ela já se apresentava de peito, única de cabelos naturalmente longos, além de ser gaúcha, ingênua e, talvez por isso, sem malícia para os traquejos da arte. Se no teatro enfrentara novas batalhas, esse espaço e suas redes a permitiram outras mudanças subjetivas. Como ela diz, “o teatro foi a possibilidade de deixar de ser ‘incubadinha’, de se liberar, de fazer o que a gente queria, usar nossas roupas femininas, nem que seja no cenário, com o público apoiando a gente, a casas lotadas de senhores e senhoras maravilhosos... Teatro lotado”. Foi lá que de fato Yeda aprendeu a se maquiar, a atuar e se fazer artista. Debutou no Rival com um número solo, em homenagem a Isadora Duncan.

Como muitas outras de sua geração<sup>68</sup>, não se faz vítima. Hoje, no tempo presente, Yeda lembra de suas colegas. Além de Rogéria, faz referência a Marquesa, Wanda, Eloína, Karina e Shirley Montenegro, sempre sem alimentar rancor ou animosidade. Em suas narrativas, em seu tom de voz, em seu não-verbal há referências às hostilizações, hierarquias e constrangimentos. Contudo, Yeda não se deixou imobilizar. Depois de cerca de 02 anos atuando nos palcos do Rival, partiu com seu namorado para trilhar outros caminhos. Assim, abandonou o Rio de Janeiro e começou a atuar em Minas Gerais, e depois na Argentina. Finalmente, em 1974, partira para a Europa. De princípio, Paris que, nas suas palavras, era “o sonho de todas nós”. Depois, no final de 1975, seguiu para a Espanha, onde mora por mais de 40 anos, transformada em diva, de reconhecimento internacional.

Segundo ela, sua feminilidade e beleza facilitaram aprovação em diversos testes realizados para ingressar em grupos artísticos, como *Les Girls*, no Brasil, *Madame Arthur* e *Carrousel*, em Paris, *Palma de Maiorca*, na Espanha. Ao mesmo tempo, a visível e valorizada feminilidade faz parte de suas histórias amorosas e de amizades, de seu repertório de invenção de si. Uma delas deve ser destacada: a experiência de ter convivido com Salvador Dalí e com Gala. Na Espanha, a partir de novembro de 1975, fez muito sucesso por ser

---

<sup>68</sup>LOPES, Fábio Henrique. Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960. *Op.cit.*

transexual, brasileira e muito bonita, o que, segundo ela, facilitou que fosse aceita no restrito grupo de amigos/as e companheiro/as que conviviam com o casal Dalí.

Se inicialmente, no Rio de Janeiro, a feminilidade e a ingenuidade de Yeda incomodaram e causaram rivalidades, na Argentina, e depois na França e na Espanha, tais características facilitaram novas redes afetivas, de amizade e um reconhecido percurso profissional. Como Aloma, com ousadia, Yeda buscou uma vida criativa, colorida, plural e inventiva, ativando históricos processos de autodeterminação e de autoidentificação, novas formas de se relacionar consigo e com o outro, determinados e específicos modos de vida, inclusive mais criativos, mesmo em contextos de hostilidade, precariedade e tensão.

### *Vera de Paris*<sup>69</sup>

Vera Furacão nasceu em 14 de novembro de 1950 em Alto Paraguai, no estado de Mato Grosso. Nascida em uma família pobre, Vera passou sua infância nessa pequena cidade do interior, rodeada por suas quatro irmãs, nove irmãos e seus pais. Seu pai trabalhava na mineração e sua mãe era trabalhadora doméstica. Desde muito jovem, Vera era um garoto afeminado e sentia atração por homens. A vida de jovens homossexuais é, frequentemente, muito dura nas pequenas cidades do Brasil. A experiência de Vera em sua adolescência não fugiu à regra: o relacionamento com sua família era conflitante, o ambiente em casa era hostil e de pouca aceitação. A escola, por sua vez, também não era local reconfortante. A relação de Vera com os colegas era tensa, pois eles viam o adolescente com estranhamento e, algumas vezes, com desdém. Isso fez com que o garoto abandonasse a escola muito prematuramente. Foi ainda em Alto Paraguai que o adolescente conheceu suas primeiras experiências sexuais. Elas aconteceram com homens mais velhos que lhe propunham trocar serviço sexuais por dinheiro ou pequenos presentes. A vontade de se emancipar da família, de Alto Paraguai e de viver novas experiências, levou o adolescente de 15 anos a ir para a beira da estrada, pegar uma carona na boleia do caminhão e fazer uma viagem de quase 2500 quilômetros para chegar à cidade do Rio de Janeiro.

Vera, ao chegar na capital, se estabeleceu na Lapa onde encontrou na prostituição os meios para se sustentar. Ali, Vera conheceu Madame Satã<sup>70</sup> e grande parte do grupo de

---

<sup>69</sup> Entrevistas concedidas por Vera de Paris em 02/03/2016 e 03/03/2016.

<sup>70</sup> Madame Satã foi uma célebre figura da cultura boemia e homossexual do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. James Green a classifica como “um indivíduo representativo das bichas das classes baixas que circulavam no meio social do Rio de Janeiro boêmio das décadas de 1930-40. Ao mesmo tempo, Madame Satã transgrediu aqueles padrões de atuação que privilegiavam a efeminação e uma imitação do comportamento associado a mulheres, confundindo os estereótipos sociais reinantes acerca daquelas mesmas bichas”. Ainda segundo o historiador, sua memória foi resgatada por um grupo de intelectuais da contracultura em artigos no *Jornal Pasquim* nos anos 1960. Para ver uma análise da

travestis que lá circulavam nos anos 60 e 70. Foi neste ambiente que encontrou Ângela, sua mãe travesti, que a ensinou os truques para fazer a transição e se tornar Vera Furacão (seu primeiro nome de mulher). Aos 16 anos de idade, ela começou a tomar hormônios, e aos 17 teve sua primeira aplicação de silicone industrial, procedimentos que continuaram por quase toda sua vida adulta. Com os contornos femininos já bem definidos, juventude e experimentando essa nova forma de ser no mundo, ela passou doze anos como prostituta no Brasil, antes de emigrar para a Europa. Durante este período, Vera transitou entre São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e outras cidades brasileiras, mas voltava ao Rio de Janeiro anualmente para participar dos bailes de carnaval e do tradicional Baile dos Enxutos. Este período de grande efervescência festiva no Rio tem um lugar especial na memória de Vera.

Porém, o tempo vivido no Rio de Janeiro não é feito só de boas lembranças. A Lapa era um bairro conhecido pela boêmia e pela frequentação de prostitutas, mas também por ser um ambiente violento. Vera relata que presenciava vários delitos no seu ambiente de trabalho, como roubos, agressões e brigas, além de uma constante vigilância da polícia. Após uma batida policial, Vera acabou sendo inculpada por um furto e passou alguns dias na prisão, onde acabou sofrendo abusos da polícia e de outros prisioneiros. Apesar das dificuldades evidentes, como a violência e a discriminação por causa de seu gênero, profissão e sexualidade, ela relembra, com nostalgia, das festas, do carnaval, e da novidade que representou para ela a vivência nas grandes cidades, além da juventude e experiências com os clientes.

A partir dos relatos de Vera e da bibliografia até o momento consultada, podemos afirmar que seu sonho, como o de muitas de suas amigas, era o de sair do Brasil e mudar-se para Paris. Ela ouvia falar da capital francesa desde o início dos anos 70, mas sua vontade se torna um plano real quando observa algumas travestis que voltam de Paris usando joias, roupas e sapatos franceses para desfilarem no carnaval do Rio. Foi assim que, no ano de 1979, Vera Furacão junta o que tinha no Brasil e parte para capital francesa para se tornar Vera de Paris.

Na mesma semana que chegou na capital francesa, ela começou a trabalhar em Pigalle e no *Bois de Boulogne*: "As travestis chegavam com suas malas e iam diretamente para o *Bois de Boulogne*, elas nem sabiam falar francês, mas a linguagem pra fazer a puta é universal". Vera morou, nos primeiros anos na França, em hotéis no 17º distrito de Paris, onde os preços dos aluguéis variavam entre 3.000 e 4.000 francos (equivalentes a 457 e 610 euros) por mês. Vera afirma que naquela época não era tão difícil de conseguir um

---

história de Madame Satã e a construção a posteriori de sua imagem, ver: GREEN, James N. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boêmia brasileira. *TOPOI*, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003. p. 201-221.

apartamento como nos dias de hoje: "pagávamos dois aluguéis de sinal e estava tudo certo, se tivéssemos o dinheiro era bom, não precisávamos de nenhuma papelada ou de fiador." Ela conta que ganhou tanto dinheiro em sua chegada que logo se mudou para Saint-Germain-des-Prés, bairro da elite parisiense, onde compartilhava um apartamento com três amigas.

Vera conta sorrindo que, durante o dia, "fazia a madame" em Saint-Germain, e de noite "fazia a puta". Trabalhava regularmente em Pigalle, no *Bois de Boulogne* e, de vez em quando, no 17º distrito, onde fazia o ponto nas ruas e recebia clientes nos hotéis da região. Em relação à rede de cafetinagem, ela afirma não ter pagado pelos pontos em Pigalle, pois não morava lá, e que nunca teve problemas com os cafetões do bairro, já que eram as próprias travestis que gerenciavam essa rede. No *Bois de Boulogne*, as travestis brasileiras eram maioria e faziam um enorme sucesso. Vera conta que no final da semana havia até engarrafamento de clientes ou de pessoas curiosas para vê-las.

Apesar da força das brasileiras no *Bois de Boulogne*, Vera teve problemas para negociar o ponto nas alamedas do parque. Os homens de Dedé, notório proxeneta de Paris, exigiram dela um alto valor pelo ponto. Para escapar desta extorsão, Vera e algumas de suas colegas foram em busca de outros lugares para trabalhar e passaram a fazer o ponto na floresta de *Saint-Germain-en-Laye*. Certo é que, nesse novo local, a frequência de clientes era menor do que no *Bois de Boulogne*, devido à distância de Paris e à menor reputação como local para encontrar sexo remunerado. Porém, elas acabaram por preferir trabalhar no novo ponto, pois este oferecia condições de trabalho semelhantes às do *Bois*, mas sem extorsão.

O *Bois de Boulogne* e Pigalle foram espaços privilegiados de concentração da prostituição brasileira. Mas esta atividade tinha uma territorialidade fluida, pois havia diversos pontos isolados pelos bairros da cidade. Segundo Vera, naquela época, "Paris era dominada pelas brasileiras". Esse sucesso foi acompanhado por uma vantagem financeira: o preço do passe das travestis brasileiras era mais alto do que de suas colegas de outras nacionalidades, e às vezes, mais caro até que os das mulheres prostitutas. A renda da Vera poderia chegar a 2.000 Francos por noite de trabalho no *Bois de Boulogne*. Contudo, seu estilo de vida a impediu de economizar: "Se eu não gastasse tudo em drogas, festas e roupas, eu ficaria rica". As condições de trabalho na rua às vezes a levaram a usar drogas e, para suportar o frio durante a noite, Vera tomava uísque com comprimidos de anfetaminas.

O final dos anos 70 e o início dos anos 80 foram grandiosos para o entretenimento homossexual em Paris<sup>71</sup>. Em termos de sociabilidade, Vera frequentava festas em famosas casas noturnas parisienses como o *Le Palace* (a mais glamorosa de todas elas), o *Galaxy* ou o *Chez Aldo*. Durante o dia, ela passeava por Pigalle, ia à capela de Santa Rita, frequentava os cafés e fazia compras nas lojas conhecidas pelas travestis, especialmente na de Angela Pavon, uma estilista que criava coleções especiais para esse público. Vera lembra-se de uma série de estabelecimentos onde ia frequentemente com suas amigas travestis para fazer compras. Ela se recorda de uma sapataria na rua Lafayette que vendia sapatos com salto alto com numeração grande, além de outra em Pigalle que vendia vestidos de noite. Lembra-se ainda de lojas e mercados próximo ao metro *Barbès*, onde encontrava ingredientes típicos do Brasil, mas também maquiagem, acessórios de beleza e perfumes a preços baixos.

Vera tinha muito clientes e um deles lhe ofereceu uma oportunidade de trabalho para fazer limpeza em sua fábrica de papel. Ao aceitar a oferta, ela começa a ter duas atividades, uma durante o dia na fábrica e outra à noite, no Bois. Vera foi uma das poucas travestis dispostas ao trabalho regulamentado, pois o mercado sexual pagava muito melhor. Mas esse emprego, mesmo mal remunerado, acabou por possibilitar a aquisição de seu título de residência. Ela sublinha sua sorte de ter aceito a oferta no sentido de que, alguns anos depois, “a imigração fechou para as brasileiras” e muitas delas foram expulsas do território. Esse fato aconteceu por uma série de questões, mas a mais notória é a eclosão da epidemia da AIDS: “Todos tinham medo, no bosque as travestis desapareciam de um dia para o outro e a polícia nos prendia cada vez mais vezes, o bosque era fechado várias vezes e muitas de nós expulsas”. Esse é um assunto delicado, pois se trata de revisitar memórias dolorosas já que muitas de suas amigas faleceram da doença.

A epidemia do HIV mudou completamente a situação do mercado prostitucional em Paris. Os riscos de ser presa ou de sofrer violência no *Bois de Boulogne* e o início de uma crise financeira impulsionaram Vera a se mudar para periferia de Paris, onde foi viver em um hotel chamado Villa Biron, que antes de sua chegada era habitado por mulheres portuguesas. Não havia comércio sexual no prédio até Vera chegar e inaugurar essa atividade, divulgada por meio de anúncios que foram publicados na revista *La Vie Parisienne*. Como ela não sabia escrever, pediu a sua amiga Marina para ajudá-la a redigir tais textos e publicá-los. A princípio, suas amigas não acreditaram no sucesso dos negócios de Vera na Villa Biron por causa da localização do hotel longe do centro da cidade e do Bois

---

<sup>71</sup>DUARTE, Marina. *Splendeurs et misères des travesties brésiliennes*. Histoires croisées entre le Brésil et Paris (1960-2016). *Op. Cit.*, 2018.

*de Boulogne*. Entretanto, a modalidade do comércio sexual através de propagandas se desenvolveu com sucesso, e Vera reivindica a criação desse espaço que, ainda hoje, é um lugar de moradia e prostituição travesti.

Apesar da repressão policial e da queda no número de clientes devido à epidemia de AIDS, Vera visita o bosque de vez em quando, seja por nostalgia, seja para, às vezes, fechar as contas do mês. Entretanto, em 1993, uma tragédia abalou a vida de Vera: ao voltar da floresta com um cliente, sofreu um acidente de carro e passou 13 meses no hospital, três dos quais em coma. Os ferimentos que sofreu foram graves e sua recuperação foi lenta, e até hoje ela sofre de problemas de mobilidade. Após sua alta do hospital, Vera deixou a Villa Biron e encontrou um estúdio em Marcadet-Poissonnier. Sua incapacidade de trabalhar a levou a procurar ajuda da Associação PASTT<sup>72</sup> e de sua amiga, Camille Cabral. Após os esforços desta última, Vera conseguiu obter a nacionalidade francesa, o que lhe concede ajuda social e subsídios estatais para pessoas em dificuldade.

Hoje, aos 68 anos de idade, Vera vive em um apartamento social no 15º distrito. O aluguel subsidiado pelo estado francês melhorou consideravelmente as suas condições de vida e ela é capaz de se sustentar de maneira confortável, algo que seria muito difícil no Brasil. Vera raramente volta a seu país de origem e diz estar satisfeita com sua casa parisiense. Cheia de esperança, ela ainda pensa no futuro e por isso planeja fazer uma cirurgia plástica por um médico conhecido no círculo de travestis em Paris, para retirar um pouco do silicone de seu rosto e refazer as próteses dos seios.

Este curso de vida revela um pouco as particularidades das experiências de Vera, seja em seu país, seja em Paris. A rejeição da família, a passagem pelas ruas do Brasil, a inserção quase obrigatória no mercado sexual, o uso de técnicas de modificação corporal para alcançar os contornos femininos e, finalmente, o sonho de ter uma nova vida em Paris parecem ser comuns a grande parte das travestis brasileiras da primeira geração. De fato, a história de vida de Vera lança luz sobre a experiência viva do acordo implícito entre essas personagens e a comunidade francesa que as acolhe, mas as mantém em uma marginalidade específica de gênero, profissão e sexualidade.

Pelo exposto, sublinhamos que Aloma, Yeda e Vera, como muitas outras da mesma geração, compartilharam as mesmas condições de possibilidade, e também forjaram novos rumos na história das sexualidades e de gênero no Brasil, já na década de 1960. Sem negar

---

<sup>72</sup> Prévention, Action, Santé, Travail pour les Transgenres (PASTT) é uma associação parisiense, fundada em 1992, em prol dos direitos sociais e de saúde para pessoas trans, travestis e transexuais dirigida por elas mesmas. Para ver a história da associação ver: DUARTE, Marina; FERREIRA, Daniel Wanderson. Paradoxos discursivos na luta pela inserção social das *brésiliennes* em Paris. In: LION, Antonio Ricardo Calori de; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (orgs.). *Corpos em trânsito: existências, subjetividades e representatividades*. Salvador: Devires, 2020, p. 311-329.

as especificidades de suas trajetórias, elas se aproximam não só pelo tempo/espço, mas pela ousadia, pelos enfrentamos, pela coragem, pelos investimentos em outras corporalidades, imagens de si e autodeterminação. Ao invés de romantizar ou mitificar suas histórias e narrativas, com elas buscamos focalizar a emergência da primeira geração das travestis brasileiras no emaranhado dos palcos, luzes, camarins, acessórios, performances, prostituição, desejos, projetos, enfrentamos, hierarquias e diferentes modalidades de violência. As narrativas e histórias de si focalizadas demonstram que cada trajetória individual é uma experiência social capaz de cristalizar assujeitamentos, mas também de borrar e subverter binarismos e fronteiras, como as das sexualidades e do gênero.

Recebido em 31 de maio de 2021  
Aceito em 19 de agosto de 2021